Migrações femininas e inserção laboral no mercado de trabalho formal: uma análise para o período 2010−2020.

Autora: Helena Cornevicius Azevedo. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Os crescentes fluxos migratórios internacionais no mundo estão permeados por cada vez mais mulheres que migram não apenas no papel de acompanhantes de familiares homens, mas em posição ativa de busca por melhores condições de vida e inserção laboral. Como destaca Nascimento (2017), a migração ainda é tratada como um fenômeno exclusivamente masculino e a mulher migrante é invisibilizada enquanto agente migratório com suas próprias especificidades. A adoção de uma perspectiva feminista e interseccional permite que se tenha uma melhor compreensão de como gênero, status migratório, nacionalidade, raça e classe afetam as vivências das mulheres migrantes, principalmente vindas de países do Sul global, que enfrentam formas de discriminação que se sobrepõem inclusive ao se inserirem no mercado de trabalho (Olivera *et al*, 2024). A partir de 2010, o Brasil se consolidou como receptor de fluxos migratórios de países latino-americanos com o aumento significativo de migrantes que chegam ao país. O boom migratório de migrantes vindos do Haiti se destaca e é importante para compreender a participação do Brasil nesse contexto (Moreira, 2018). O objetivo geral do artigo é compreender as migrações femininas e como se deu a inserção das mulheres migrantes no mercado de trabalho formal brasileiro entre 2010 e 2020. Para isso, os objetivos específicos são entender as especificidades das mulheres migrantes e suas diferenças para os homens migrantes no Brasil, caracterizar a mulher migrante em sua heterogeneidade e traçar o perfil das migrantes no Brasil após 2010. A metodologia envolve a construção de gráficos e tabelas a partir dos microdados da base harmonizada CTPS−RAIS−CAGED, disponibilizada pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra). A base harmonizada faz o pareamento de dados das três bases reunidas para melhor análise da situação das trabalhadoras e dos trabalhadores migrantes no mercado de trabalho formal brasileiro. Os resultados apontam que as mulheres migrantes inseridas no mercado formal tem uma média salarial muito abaixo da média salarial dos homens migrantes, apesar da diferença estar se reduzindo (em 2010, a média salarial de mulheres migrantes no mercado formal correspondia a apenas 53,3% da média salarial dos homens migrantes, aumentando para 67,7% em 2018, uma diferença ainda muito grande principalmente se comparada ao mercado formal brasileiro para não migrantes em que, no mesmo ano, as mulheres recebiam 85,7% do salário médio masculino). Também foi constatado um crescimento significativo da quantidade de migrantes vindos de países do Sul global no período, principalmente do Haiti e Venezuela, para ambos os sexos. Além disso, a mudança nas nacionalidades de origem das e dos migrantes veio acompanhada de redução da escolaridade, redução significativa dos salários médios e mudança nas ocupações e atividades econômicas predominantes em que mulheres e homens migrantes se encontram no mercado de trabalho formal brasileiro.

Referências bibliográficas

MOREIRA, Vitória. Migrações Femininas e a Nova Lei de Migrações: uma análise sobre a ausência da perspectiva de gênero na nova lei. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, vol. 4, n. 4, pp. 51−67, 2018.

NASCIMENTO, Mariângela. Imigração da mulher latina no Brasil. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, vol. 3, n.1, pp.115−136, 2017.

OLIVERA, M. *et al.* As migrações femininas e as suas especificidades. In: OLIVERA, M. *et al. Capitaloceno, Migrações, Gênero e Insegurança Alimentar: um mapa conceitual para problematizar a situação das mulheres migrantes no Brasil.* 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. dos Autores, 2024. cap 3, p. 39−49.